

## Um aparente desconcerto de adjetivação em Camões e as áreas semânticas de *puro n'Os Lusíadas*

EVANILDO BECHARA  
Prof. Titular de Filologia Românica do Instituto de  
Filosofia e Letras da UERJ

Depois dos efeitos gloriosos que constituem a matéria narrada n'*Os Lusíadas*, tiveram os portugueses como prêmio a possibilidade de ver surgir a ilha móvel que Vênus pusera na sua rota, feita de todas as belezas naturais. Aí desembarcaram e enquanto os marujos conheciam as mil delícias da Ilha dos Amores, Vênus disserta sobre os legítimos meios de se alcançar a imortalidade. E nesse instante o poeta diz:

*E ponde na cobiça um freio duro,  
E na ambição também, que indignamente  
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro  
Vício da tirania infame e urgente;  
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,  
Verdadeiro valor não dão à gente.  
Melhor é merecé-los sem os ter,  
Que possui-los sem os merecer.*

(*Lus.* IX, 93).

Até a malograda edição crítica de Gomes de Amorim, em 1889, nunca os comentadores pararam diante da estança para arguir-lhe algum ponto obscuro, embora sobre o seu conteúdo Faria e Sousa se tenha derramado em longo excuro. Fê-lo, parece-nos que pela primeira vez, aquele exegeta do Poema, ao tropeçar com os adjetivos *vãs*, aplicado a *honras*, de par em par com *puro*, aplicado a *ouro*, que, no seu entendimento, não se casavam bem: “se o poeta qualificava as honras de *vãs*, não podia escrever em seguida *oiro* (sic!) *puro*, tanto em vista do que dissera antes, como do que depois acrescenta” (p. 216 do tomo II).

A solução seguida pelo editor e comentador consistiu em emendar *puro* para *impuro*.

José Leite de Vasconcelos, em 1890, em opúsculo intitulado *O texto d'Os Lusíadas segundo as idéias do Sr. F. Gomes de Amorim*, insurgiu-se contra os critérios adotados para a fixação do texto crítico e, para o caso aqui em estudo, discordou da solução proposta nos seguintes termos: "Aqui há dois erros: um de sentido, outro de língua. Há um erro de sentido, porque *tanto em vista do que está antes, como do que depois se acrescenta*, Camões quer dizer efetivamente *ouro puro*: em vista do que está antes, pois se refere a *cobiça e ambição*, e ninguém tem cobiça e ambição de ouro impuro, mas sim de OURO MUITO PURO; em vista do que está depois, porque seria absurdo imaginar que alguém desejasse *merecer ouro impuro* ou *possuí-lo*. Vejamos agora o erro de língua. O Sr. Amorim tomou a palavra *vãs* (ou *vās* na sua ortografia) como sinônima de *vazias* e *ocas*, e foi por isso que não compreendeu os versos; mas, se S. Ex.<sup>ª</sup> se desse ao incômodo de fazer estudos comparativos, concluiria que tal palavra não tem aqui essa significação, e sim a de *vaidosas*. No *Dic. da língua portuguesa* de Morais ministram-se os seguintes exemplos desta última acepção: "soldado mais *vão* que a mesma *vaidade*" (Miranda, *Estrangeiros*); "mais *vão* que um pavão" (*Eufrosina*). A estes exemplos junto eu mais um, que encontrei em Antonio Ferreira (Liv. I, carta X, pág. 47 do vol. II ed. cit. isto é, 1771):

*Procura honras, estados e altezas, || Ambicioso vão, farta esse peito . . .*  
e outro que me oferece Bernardes na carta III:

*Enchendo peitos vãos de vaidade . . .*

Já se vê que *ambicioso oco*, *vazio*, seria uma contradição, ao passo que *ambicioso vaidoso* compreende-se. Eu até podia fazer ascender esta significação ao latim, mas os exemplos citados bastam. Agora percebe-se que Camões, quando escreveu:

*. . . essas honras vãs, esse ouro puro || Verdadeiro valor não dão à gente: || Melhor é merecê-los sem os ter, || Que possui-los sem os merecer,*

quis dizer: *honras QUE ENCHEM DE VAIDADE os que as possuem*; porque tais honras é que é melhor merecê-las sem as ter, do que tê-las sem as merecer. O *ouro puro* está exatamente no mesmo caso. Por que é, pois, que o Sr. Gomes de Amorim se deixou levar somente da sua fantasia, e não estudou o problema nos termos em que eu o ponho?" (*Opúsculos*, IV, 1171-2).

Podemos dizer que a lição do mestre Leite de Vasconcelos foi decisiva para a solução a ser adotada pelos posteriores comentadores do Poema, quanto ao sentido em que se há de tomar o adjetivo *vãs*, na passagem em estudo: todos repetem que *vãs* significa que *enchem de vaidade, vaidosas*.

Que *vãs* pode ser interpretado como quer o competentíssimo Leite de Vasconcelos é ponto que aqui se não discute, mesmo porque alguns passos

d'*Os Lusíadas* mostram claro a relação entre *vã* e *vaidade*, e os dois vocábulos o imortal vate até os aproxima em IV, 95, 1-2:

*Ó glória de mandar! Ó vã cobiça  
Desta vaidade a quem chamamos Fama.*

O que se precisa indagar é se a nova correspondência proposta satisfaz ao sentido geral da estança IX, 93, e se QUE ENCHEM DE VAIDADE conser-ta o aparente desconcerto de se achar o adjetivo *vã*, nesta acepção, ao lado de OURO PURO.

Ora, quem percorre atentamente os vinte e oito passos em que Camões emprega o adjetivo *vão* se certificará de que o poeta sempre lhe atribui um sentido negativo, sentido que contrasta com o do adjetivo *puro*, se tomado na acepção normal de “sem mistura”, “depurado”, “genuíno”, de valor, como vemos, nitidamente positivo. E foi este contraste de adjetivação que levou Gomes de Amorim a mudar *puro* em *impuro*, para nivelar os valores de ambos os termos coordenados: *honras VÃS* e *ouro IMPURO*.

Pomos nossas dúvidas em que *vãs* realmente signifique *que enchem de vaidade*, proposta de Leite de Vasconcelos; o que parece evidente é que a acepção sugerida não harmoniza os adjetivos *vã* e *puro* e ponha luz ao entendimento cabal da estrofe.

Ainda temos dúvida de se a proposta de Leite de Vasconcelos, chegou a convencer um erudito camonista da marca de Epifânio Dias, porquanto, no seu comentário à estança referida, agasalha a lição de que *vãs* signifique *que desvanecem*, chega até a reportar-se elogiosamente ao estudo de seu compatriota e amigo, mas silencia quanto a expressão *ouro puro*. Isto num exegeta atento e minucioso como Epifânio assume uma importância que não se pode nem se deve desprezar.

Outro camonista de peso, dos maiores que Portugal ostenta, José Maria Rodrigues, em 1921, no Aparato Crítico que acompanha a reprodução fac-similada da edição de 1572 d'*Os Lusíadas*, tenta resolver o desacordo dos dois adjetivos parecendo optar, ainda que medrosamente, pela solução sugerida por Gomes de Amorim, apesar de ter debaixo dos olhos a lição de Leite de Vasconcelos, pois se limita a citá-lo na mesma nota: “Mas o epíteto *puro* está aqui tomado no sentido material: *fino, sem liga* (cf. IX, 87, 4; X, 3, 3). Por *puro*, por *fino* que seja, o ouro não dá etc.” (pág. 44).

Foi, cremos, querendo aludir a essa tão importante adesão à tese de Gomes de Amorim, que Leite de Vasconcelos, na reedição do seu trabalho, em 1929, inserido no vol. IV dos *Opúsculos*, apõe um Aditamento, onde declara:

“Não desconheço que pessoa ilustre defende recentemente também *ouro impuro*, págs. 1170-1171; mas, em vista do que ali digo, não posso mudar o meu parecer” (pág. 1190).

Como Epifânio não fora fundo na discussão do problema, limitando-se, conforme vimos, a aceitar a acepção sugerida por Leite de Vasconcelos para o adjetivo *vãs*, José Maria Rodrigues não explicitou o seu ponto de vista nos

dois trabalhos de comentários que dedicou às 1ª e 2ª edições preparadas pelo primeiro dos mestres citados, mas fê-lo nas notas em que enriqueceu a chamada Edição Nacional:

“O contexto exige *impuro* (talvez *i* com til, no manuscrito): É o ouro adquirido pela cobiça (v. 1), a que se contrapõem as “riquezas merecidas” da est. 2, v. 7.” (p. CCI).

Vê-se, pois, que o mérito da proposta de Gomes de Amorim, secundado por José Maria Rodrigues e outros, foi tentar resolver a questão pelo adjetivo *puro*, e não pelo expediente proposto por Leite de Vasconcelos, interpretando *vãs* como sinônimo de *que desvanecem*, pois, qualquer que fosse a acepção atribuída, *vãs* teria sempre um valor negativo a contrastar com o valor positivo de *puro*. Naturalmente, o caminho seguido por Gomes de Amorim apresentava o obstáculo de uma substituição não autorizada pela edição de 1572, que não se poderia apoiar num caso de má leitura evidente ou de um erro tipográfico flagrante. A proposta de José Maria Rodrigues, imaginando que o manuscrito teria *īpuro*, é tão fantástica quanto algumas outras suas emendas de substituição do texto de 1572.

\* \* \*

O mestre brasileiro Sousa da Silveira, tão fino comentador de textos quinhentistas, sugeriu, numa de suas preciosas *Notas soltas de linguagem*, a de número 4, outra interpretação para o adjetivo *puro* da nossa estança:

“Eu entendo (se em tal assunto posso ter opinião) que *puro* está em IX, 93 com a significação de “claro”, “brilhante”, “esplêndido”, não desconhecida a outros lugares dos *Lusíadas*, como veremos. As *honras vãs* acho que são mesmo as que enchem de vaidade ou desvanecem, para o que me lembro de uma expressão análoga, os *títulos inchados* de Ferreira, — títulos que incham de vaidade, que envaidecem:

*Pompas, e ventos, títulos inchados*  
*Não dão descanso, nem mais doce sono*

(Castro, pág. 35 da ed. de Mendes dos Remédios, 1915).

Não me parece — prossegue Sousa da Silveira — que nos versos de Camões se trate de pureza material — ouro sem liga, nem de impureza moral — ouro mal adquirido. Penso que o poeta se refere às honras que desvanecem e ao ouro que brilha e fascina, mas que, honras e ouro, não comunicam valor a quem o não possui: são meras exterioridades que adornam e realçam o mérito, mas não o criam onde ele falta.

Aquelas honras e aquele ouro não dão valor a ninguém (oitava 93): mas tenha valor quem os possui, que o ouro constituirá uma riqueza merecida, e as honras ilustrarão a vida como sinais exteriores de um mérito real intrínseco (oitava 94)” (*Estudos camonianos*, pág. 500).

Segundo nosso modo de entender, o primeiro mérito da proposta de mestre Sousa da Silveira é tentar resolver a dificuldade através de *puro*, e para tanto supõe que o adjetivo esteja no sentido de “claro”, “brilhante”, “esplêndido”, acepção em que realmente aparece em algumas passagens d’*Os Lusíadas*. Sousa da Silveira, neste particular, lembra esses trechos:

“Em II, 79 diz Camões *Olimpo puro*, e Epifânio observa que *puro* está com a significação que tem *claro* em I, 24 e 73: *claro assento*, isto é, brilhante assento, à imitação do latim *clarus*.

Ô mesmo *Olimpo puro* é em outra ocasião (IX, 90) designado por Camões com a expressão *o estelante Olimpo*, que Morais explica deste modo, na edição de 1813: *que luz como estrela*. A explicação de Morais faz-nos pensar, por associação de idéias, no conhecido provérbio “nem tudo o que luz é ouro”, e nos leva facilmente a admitir a *puro* o sentido de “brilhante”, “luzente”, na expressão *ouro puro* do referido passo camonianano.

Havendo Camões falado — prossegue Sousa da Silveira —, em I, 22, num *assento de estrelas cristalino* onde estava sentado Júpiter, refere-se de novo ao mesmo em I, 37 chamando-lhe “sólido puro”, isto é, “brilhante”.

Saindo de Camões, vejo o adjetivo *puro* com a mesma significação de “brilhante” em Rodrigues Lobo (*Eglogas*, ed. de José Pereira Tavares, pág. 219):

*Bem vês no céu mais alto, e mais seguro,  
Estar fixas as luzes de contino,  
O norte firme, o sol feroso e puro,  
No seu feroso assento cristalino”*

(Op. cit., 501).

Que *puro* podia assumir a acepção de “brilhante” e que, neste sentido, Camões o empregara no Poema, é fato de que não padece dúvida, e os exemplos arrolados por Sousa da Silveira o demonstram clara e insofismavelmente. O que cabe perguntar é se com o sentido de “brilhante” a dificuldade de interpretação da estança estará resolvida. Vimos que o mestre não aceita que *puro* tenha aí o sentido de impureza material — “ouro sem liga” — ou moral — “ouro mal adquirido”, mas prefere vê-lo como sinônimo de “brilhante”. Ora, com esta significação, *puro* assume sempre valor positivo, de modo que o desconcerto da coordenação de um adjetivo de valor negativo — *honras VÁS* — a outro de valor positivo — *ouro PURO* —, conciliação que, a partir de Gomes de Amorim, todos os comentadores tiveram por inusitada, também não estará contornada pela proposta de Sousa da Silveira.

\* \* \*

Por acreditarmos que se possa encontrar uma solução plausível para o aparente desconcerto na adjetivação do verso 5 da estrofe 93 do canto IX, através de um estudo mais profundo das áreas semânticas de *puro* n’*Os Lu-*

*siadas*, que aí aparece empregado vinte e seis vezes, passemos a examiná-lo mais de perto.

A significação primária de *puro* como “sem mistura”, ocorre em I, 67:

*Pelouros, espingardas de aço puras.*

Daí defluem significações secundárias, metafóricas, muitas vezes de difícil demarcação, resultantes das impressões que podem causar ao espectador os prismas por que são observados esses dotes de *pureza*.

A primeira dessas significações secundárias é a de “imaculado”, “casto”, “virginal”, que ocorre em:

*Ali tinha em retrato afigurada  
Do alto e santo Espírito a pintura,  
A cândida Pombinha debuxada  
Sobre a única Fênix, Virgem pura* (II, 11, 1-4).

*Tu só, tu, puro amor, com força crua  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa à molesta morte sua,  
Como se fora pérfida inimiga* (III, 119, 1-4)

*De outras belas senhoras e princesas  
Os desejados tálamos enjeita,  
Que tudo enfim, tu, puro amor, desprezas,  
Quando um gesto suave te sujeita* (III, 122, 1-4).

*Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,  
A verdade que eu conto, nua e pura  
Vence toda grandiloca escritura* (V, 89, 6-8).

*Todas de correr cansam, Ninfa pura,  
Rendendo-se à vontade do inimigo* (IX, 77, 1-2).

*Cair se deixa aos pés do vencedor,  
Que todo se desfaz em puro amor* (IX, 82, 7-8).

*Não será a culpa abominoso incesto  
Nem violento estupro em virgem pura* (X, 47, 1-2).

*Empíreo se nomeia, onde logrando  
Puras almas estão de aquele bem* (X, 81, 5-6).

A segunda significação secundária, intimamente ligada ao conceito de “imaculado” “casto”, é a de “sincero”, “verdadeiro”, “genuíno”, “fundamentado”, e ocorre nas seguintes passagens camonianas:

*Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo  
O corrente Muluca se congela* (III, 105, 1-2).

*Que influência de sinos e de estrelas!  
Que estranhezas, que grandes qualidades!  
É tudo sem mentir, puras verdades* (V, 23, 6-8).

*Ali, depois que as pedras abrandarem  
Com lágrimas de dor, de mágoa pura (V, 48, 5-6)*

*Mas não foi da esperança grande e imensa,  
Que nesta terra houvermos, limpa e pura  
A alegria; mas logo a recompensa (V, 80, 1-3).*

*Porque o amor fraterno e puro gosto  
De dar a todo o lusitano feito  
Seu louvor, é somente o prossuposto (V, 100, 1-3).*

A terceira significação metafórica de *puro* é a de “branco”, “niveo”, onde se manifesta a pureza pelo prisma da cor, e o nosso Poeta assim o emprega em:

*Na face a beija e abraça o colo puro,  
De modo que dali, se só se achara,  
Outro novo Cupido se gerara (II, 42, 6-8).*

*Mas quem pode livrar-se por ventura  
Dos laços que Amor arma brandamente  
Entre as rosas e a neve humana pura,  
O ouro e o alabastro transparente? (III, 142, 1-4).*

A estança anterior nos patenteia que a significação metafórica de *puro* como “branco”, “niveo”, está bem próxima de outra, a de “transparente”, “cristalino”, “nítido” (aplicados a líquidos) e daí “brilhante” (aplicado a objetos sólidos ou supostos como tais), significação a que Sousa da Silveira muito acertadamente se referiu, exceto, enquanto a nós, à de *puro* de IX, 93, para o qual proporemos depois outra acepção. Não repetiremos os exemplos já aduzidos pelo mestre, mas a eles acrescentaremos os seguintes:

*Cometeram soberbos os Gigantes  
Com guerra vã o Olimpo claro e puro (II, 112, 1-2).*

*As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram,  
E por memória eterna em fonte pura  
As lágrimas choradas transformaram (III, 135, 1-4).*

*Dali vão em demanda da água pura  
– Que cansa inda será de larga história – (IV, 64, 5-6).*

*Algũas, que na forma descuberta  
Do belo corpo estavam confiadas,  
Posta a artificiosa fermosura  
Nuas lavar-se deixam na água pura (IX, 65, 5-8).*

Uma quinta significação metafórica de *puro* é bastante curiosa, pois vai apoiar-se não nos efeitos exteriores dessa pureza (como “casto”, “imaculado”, ou “sincero”, “genuíno”, ou “branco” ou ainda “transparente”, “bri-

lhante”), mas na pureza vista nela mesma, na sua essencialidade, o que vale dizer, na sua simplicidade, desprovida de qualquer outra idéia subsidiária. Nesta acepção, *puro* vale por “mero”, “simples” ou “exclusivamente”, conforme nos atestam os seguintes passos:

*Os casos vi, que os rudos marinheiros,  
Que têm por mestra a longa experiência,  
Contam por certos sempre e verdadeiros  
Julgando as cousas só pela aparência,  
E que os que têm juízo mais inteiros,  
Que só por puro engenho e por ciência  
Vem do mundo os segredos escondidos  
Julgam por falsos ou mal entendidos* (V, 17, 1-8).

ou:

*Ocultos os juízos de Deus são;  
As gentes vãs que não nos entenderam,  
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,  
Sendo só providência de Deus pura.* (X, 38, 5-8).

E é exatamente este sentido de “mero”, “simples”, “exclusivamente”, que, para nós, vai abrir o caminho para a última acepção: *puro* como sinônimo de “só”, “simplesmente”, significação que consideramos perfeitamente possível no verso 5 da est. 93 do canto IX, e que vai patentear o aparente desconcerto de adjetivação a que nos vimos referindo. Aliás, diga-se a bem da verdade, que mestre Sousa da Silveira, numa outra de suas já citadas *Notas soltas de linguagem*, a de número 7, já fizera alusão à possibilidade de *puro*, n’*Os Lusíadas*, significar “mero”, “simples”, “não acompanhado”, “só”, “não outra coisa que” e, para exemplificação, cita o canto V, est. 17 e X, 38, antes já transcritos.

“A língua quinhentista — ensina-nos Sousa da Silveira — é riquíssima de exemplos deste emprego de *puro*:

Que muitos trabalhos, que ele por si tomou, os tomou em grau tamanho que o puderam bem matar, se fora *puro* homem (Frei Tomé de Jesus, *Trabalhos*, 1865, I, 29).

Refere-se o ilustre frade agostinho a Nosso Senhor Jesus Cristo, que não poderia aguentar tamanhos trabalhos se fora *puro* homem, isto é, “simples homem”.

Vós sabeis quão mísero sou sem vós, e quão poderoso sois pera desta *pura* miséria fazer templo, e morada vossa, e por isso me quereis tirar de mim, e chegar a vós (Tomé de Jesus, *Trabalhos*, I, 294).

*Desta pura miséria* quer dizer: “desta simples miséria, disto que não passa de miséria, disto que é só miséria”.

A página 308 do mesmo tomo dos *Trabalhos de Jesus* lemos: “não por erro nem engano, mas por *pura* malícia”. Há de entender-se aí *por pura malícia* como significando “só por malícia”.

A mesma expressão *puro homem* aparece várias vezes nos *Diálogos* de Frei Amador Arrais:

Prevaleceu entre os cercados tanto a fome, e foi tão urgente sua necessidade que antes tomavam por partido entregaram-se aos inimigos, a risco de serem crucificados, que perecer de *pura* fome (Arrais, *Diálogos*, 1846, pág. 189)” (*Estudos camonianos*, 502-3).

A lição de Sousa da Silveira é perfeita, e só não atinamos com a razão por que o mestre não aproveitou esta acepção que tão bem conhecia, para aplicá-la ao *ouro puro* de IX, 93. A lição do professor brasileiro é até mais completa, pois nos mostra que *puro* = *só* não é fato exclusivo do português. Para tanto, cita exemplos do espanhol e do francês, que são os seguintes:

*La Duquesa salió bizarramente aderezada, y don Quijote, de puro cortés y comedido, tomó la rienda de su palafren, aunque el Duque no quería consentirlo*

(Cervantes, *D. Quijote*, ed. de Marín, VI, 307).

*'la mula' que ya, de puro cansada y no hecha a semejantes niñerías, no podía dar un paso*

(Id., *ibid.*, I, 210).

*et dist au roy que il trouverent ce clerc que vous veez ci, et lui tirent toute sa robe, li clerks s'en ala en pure sa chemise en son hostel et prist s'arbalestre et fist apporter a un enfant son fathon* (apud Bartsch, *Chrestomathie de l'ancien français*, 1927, pág. 255).

A exemplificação poderia estender-se, por exemplo, ao italiano, onde o adjetivo *puro* conhece a significação primitiva e todas as veredas metafóricas abertas pelo correspondente português *puro*. Na língua de Dante o sucesso de *puro* estendeu-se ao advérbio *pure* que aí conheceu uma vitalidade que suas referidas irmãs românicas nem de longe ostentam.

Em geral, recorrem, para a idéia circunstancial – normalmente de intensidade –, ao próprio adjetivo *puro* usado como advérbio. Acompanha-o, neste ofício, a preposição *de*, conforme se pode documentar de uma antiga lição de Bello:

*Puro. Este adjetivo, además de su significación ordinaria (una agua pura, una vida pura), admite frecuentemente otra, equivalente á la de mero (lo hizo por pura generosidad), y precediendo á un infinitivo, expresa lo mismo que mucho, pero más enfáticamente: “Se le hincharon los ojos de puro llorar”. En este sentido suele pasar al oficio de adverbio, modificando predicados: “dos pensamientos de Calderón no se entienden á veces de puro sutiles y alambicados”* (*Gramática*, pág. 333 n. 1269).

Freqüentíssima no espanhol a expressão *de puro* = *extremamente*, muito, A.F. de Castilho a empregada no passo, lembrado pelo Professor Souza da Silveira, no trabalho já citado:

*De puro cansados com este continuo tecer e destecer da Penélope política, perdestes a fê na Política (Felicidade pela agricultura, Lisboa, Empresa da História de Portugal, II, 60).*

Ensina-nos o mestre:

*De um autor moderno, mas às vezes arcaizante, extraio algumas linhas, em que puro, tomado adverbialmente, desliza da significação de “só” para a de “excessivamente”, “à força de” (Estudos camonianos, 503).*

Era a expressão corrente no português quinhentista e dela faz uso Camões na seguinte passagem que nos foi lembrada pelo nosso amigo Professor Sergio Pachá:

*Que se o fino pensamento  
Só na tristeza consiste,  
Não tenho medo ao tormento:  
Que morrer de puro triste,  
Que maior contentamento?*

*(Sóbolos rios: In Textos quinhentistas, pág. 25).*

Ficando assentado que *puro* pode assumir a acepção de *só* e assim entendendo o adjetivo em *ouro puro* de IX, 93, temos que as *honras vãs* — isto é, aquelas que não têm significação porque quem as possui não é delas merecedor, são, portanto, *vazias*, como pensava Gomes de Amorim — e o *ouro puro* — isto é, *só* o ouro, sem que carregue a quem o cobiça as qualidades que dele podem decorrer e beneficiar a quem o adquire ou o possui por mérito próprio —, não dão verdadeiro valor às pessoas — isto é, elas não passam a valer o que desejariam —, e por isso é melhor merecer *honras* e *ouro* sem os ter do que possuí-los sem os merecer. *Vãs* e *puro* são, pois, de valor negativo ao se referirem, respectivamente, a *honras* e *ouro*.

Esta acepção deve ter favorecido a aplicação de *puro* a estudos de uma disciplina feitos em caráter absoluto, como se vê em *matemática pura*, oposta à *aplicada*.

Acrescente-se, ainda, o efeito expressivo conseguido pelo poeta através do emprego com dilogia de *puro* que em IX, 93, 5 passa a ser mais um trocadilho, jogo de palavra ou maneirismo formal a que os renascentistas, Camões inclusive, pagaram alto tributo, conforme se pode ver na *Literatura européia e Idade Média latina* de Ernest Robert Curtius. *Puro*, nessa ambivalência da posse, nesse muito que pode ser também pouco ou quase nada, ressalta a cobiça inglória a que o vate alude, utilizando, nos dois últimos versos da estrofe, um pensamento assaz corrente entre poetas e prosadores lusitanos do séc. XVI.

A vitalidade de *puro* = *só* nas línguas românicas prenuncia a sua existência em latim. São várias as referências, em trabalhos especializados, ao fato. Assim é que W. Meyer-Lübke, na sua preciosa *Gramática das línguas românicas*, aponta a sinonímia de *purus* a *solus* em III, § 137 da tradução francesa.

Entretanto é na obra intitulada *Coniectanea* (págs. 125-28) do erudito latinista sueco Einar Löfstedt que encontramos alusão mais extensa ao emprego de *purus* = *solus*. Começa o mestre por lembrar o adjetivo na inscrição 2079 inserida em *Carmina latina epigraphica* na edição de Büchler-Lommatzsch, em que mãe e filha foram arrebatadas num só dia:

*mater cum grata [i] aceo miserabile fato  
qua [s] pura et una dies detul [i] ad cinere [s].*

Interessante é o exemplo extraído do *Martyrium beati Petri apostoli*, XIII, comparável aos passos de autores portugueses citados por Sousa da Silveira onde aparece a expressão *puro homem*. Na obra em latim, declara Pedro a impossibilidade de, como simples homem, imitar a Jesus:

*Digne tu solus, Domine, in altum porrecto vertice crucifixus es,  
qui totum mundum a peccato redemisti. Te imitari etiam in passione  
optavi, sed rectus crucifigi non usurpavi, quia nos ex Adam puri homi-  
nes et peccatores nati sumus, tu vero ex Deo deus.*

O prestimoso *Dicionário da língua portuguesa* do nosso Morais, tão precioso para a leitura dos clássicos portugueses, registra, desde a edição de 1813, o valor de *puro* com o sentido de *só*, lição que não aparece na 10ª edição, ampliada para dez volumes. Infelizmente já mais de uma vez fomos obrigados a criticar essa iniciativa dos editores modernos do velho Morais, retirando-lhe muitas das preciosas informações para o cabal entendimento dos escritores do passado.

No caso em tela, é absurdo que se elimine esta acepção de *puro* = *só*, tão revitalizada nas línguas românicas e vivíssima nestas bandas do Atlântico, num testemunho de que Camões, enquanto legítimo representante da língua do século XVI, se perpetua no falar dos brasileiros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, F. G. de. *Os Lusíadas de Luís de Camões*, 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1889.
- BELLO, A. *Gramática de la lengua castellana*. 8ª ed. con notas de D. Rufino José Cuervo, Paris, A. Roger y F. Chervoviz, 1903.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. *O texto d'Os Lusíadas segundo as idéias do Sr. F. Gomes de Amorim*: In Opúsculos, vol. IV, Filologia (Parte II). Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929.
- LÖFSTEDT, E. *Coniectanea*. Untersuchungen auf dem Gebiet der antiken und mittelalterlichen Latinität, Erste Reihe. Uppsala, Almqvist & Wiksell, 1950.
- MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes*. Trad. fr. par A. et G. Doutrepoint. 4 vols., New York, G. E. Stechert Reprint, 1923.
- RODRIGUES, J. M. *Os Lusíadas de Luís de Camões*. Lisboa, Tip. da Biblioteca Nacional, 1921.
- e VIEIRA, A. L. *Os Lusíadas de Luís de Camões*. Edição Nacional. Lisboa, Imprensa Nacional, 1931.
- SOUSA DA SILVEIRA, A. F. *Notas soltas de linguagem*: In Estudos camonianos, vol. I. Organização, preparação dos originais, estudo prévio, notas e revisão de Maximiano de Carvalho e Silva com a colaboração de Marlene M. Veloso. Rio de Janeiro, MEC, Departamento de Assuntos Culturais, 1974.
- . *Textos quincentistas*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.